

TEMÁTICAS DO SENTIDO DA VIDA DOS ANTIGOS: POVOADO DE SÃO SEVERINO – GRAVATÁ-PE

Helenilda Cavalcanti*

Introdução

Terra, trabalho, sobrevivência, família e religiosidade são cinco temáticas encontradas na maior parte das narrativas dos moradores mais antigos do povoado de São Severino, Gravatá, PE, que cultivam e vivem da terra para seu sustento e o da família. Viver na terra e nela produzir para tirar a sobrevivência dá lugar ao sentimento de que é dessa ação que sai a segurança social e psicológica de que são agricultores/as. Portanto, de que têm uma identidade social construída pelo trabalho com a terra. Essas cinco temáticas são a condição mediadora pela qual a construção social da realidade objetiva e subjetiva do agricultor/a realiza-se. Como isso ocorre?

Pela realidade objetiva, que se faz passando-se por um conjunto de práticas aprendidas socialmente dentro de uma cultura e

que são interiorizadas como realidade subjetiva pelos indivíduos: "Sendo a realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, dentro de um processo dialético em curso, ela contempla três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização". (Berger, e Luckmann, 1976: 87-95). Segundo Berger os produtos da exteriorização da atividade humana adquirem um caráter de objetividade, que é a objetivação. Assim, o homem/mulher e seu produto social atuam reciprocamente. Por sua vez, "a interiorização é o processo pelo qual o mundo social objetivado é reproduzido na consciência no percurso da socialização". (Ibidem: 87).

Desse modo, a significação dessa triade terra trabalho e sobrevivência, sedimentada na consciência e na experiência de vida do(a) agricultor(a), é compartilhada por meio

Temáticas do
sentido da vida
dos antigos:
povoado de
São Severino –
Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

* Helenilda Cavalcanti é pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo – USP.

da comunicação humana, pela linguagem, base do acervo coletivo do conhecimento, em suas várias expressões. Ainda é pela ferramenta da linguagem que se realiza a objetivação de novas experiências. (Idem: 96). Mas o que torna o real, real, e o normal, normal? Não há dúvida, como afirmaria Taussig (1993:344), de que por baixo de uma realidade, que traduz um conhecimento sobre algo, existem muitos significados.

Quando eu coloco, aqui, as experiências dos antigos com as cinco temáticas terra, trabalho, sobrevivência, família e religiosidade, vejo, no conteúdo manifesto do imaginário dessa faixa etária, que vivia da terra e que teve a vida mudada sob a influência do grande capital, muitas pistas para explicar como essa geração articulava suas práticas com suas crenças para encontrar novas saídas e fugir da tensão a que estava exposta ao ver desmantelados muitos de seus esforços para sobreviver. Será que eles sabiam o que lhes estava acontecendo quando as mudanças de desenvolvimento do lugar afetavam suas vidas? O que faziam nesse sentido?

Certamente não vamos encontrar respostas diretas. Mas por meio da observação dos estados de desânimo, dos pensamentos, das crenças, dos sentimentos e da força das imagens que fomentam o imaginário, é possível conhecer a travessia das vidas, no meio dos ritmos e das necessidades de cada dia que são transformadas. Isso nos deixa o desafio de ir além do que está implícito na realidade desse grupo social e superar o significado óbvio da leitura de suas experiências.

As cinco temáticas terra, trabalho, sobrevivência, família e religiosidade estão presentes nessa estrutura de sentidos, acompanhadas de "práticas sociais"¹. (De Certeau, 1994) que obedecem às marcas de uma coletividade submetida a um duro existir. Os possíveis encontrados e imaginados são modelados aí a partir de uma tensão para encontrar saídas. Este artigo focaliza, portanto, o Povoado de São Severino, Gravatá, PE, Brasil, com seus personagens mais antigos, tomados como foco de atenção.

O lugar onde as terras e o trabalho se situam e onde é construído o sentido da vida dos moradores de São Severino

Falar do lugar é percorrer os 'bolsões' da história, deixados pela diversidade de povos, que caracterizam suas raízes. Viagens no espaço são também viagens no tempo... É constatar que, enquanto as principais cidades brasileiras estão entre as mais modernas e as mais cosmopolitas do mundo, o processo de desenvolvimento escolhido para o país tem deixado para trás muitas comunidades, aparentemente não afetadas pela passagem do tempo.

Em geral, a noção de modernidade tende a se bifurcar. Berman acusa dois caminhos opostos: de um lado, a noção de "modernismo", entendida como uma "espécie de puro espírito, relacionada à expressão da estética e da vida intelectual autônoma desligada. Por sua vez, da noção de 'modernização', concebida como um complexo de estruturas e processos materiais" (Berman, 1982:170). Essa fragmentação, como lembra Berman, vem dificultar a apreensão de um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão dessas duas forças materiais e espirituais, e a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno. (Ibidem, 1982:170).

Mas essas diferenças, em vez de serem vistas dentro de um dualismo esquemático, no qual o povoado de São Severino, como as cidades do interior do Nordeste e os centros das metrópoles brasileiras seriam os redutos do atraso e do progresso, parecem, todavia, colocar em cena os paradoxos e os dilemas da modernidade no cenário brasileiro. Nesse sentido, o espaço brasileiro deve ser visto como uma totalidade e não uma soma de fragmentos regionais. A experiência dos mais antigos de São Severino, que se movimentam nesses espaços, servem, portanto, de reflexão para uma concepção mais abarcadora da modernidade.

O povoado de São Severino situa-se no município de Gravatá. Gravatá, encontra-se a 83km a oeste da cidade do Recife. Seu espaço físico-geográfico está localizado nas

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

proximidades da zona de transição entre a zona da Mata e o Agreste. Com sua área de 507km², o que corresponde a 0,51% da superfície total de Pernambuco, o município inclui-se entre os 17% do conjunto dos municípios de grande porte (pop. superior a 50.000 habitantes) do estado de Pernambuco, abrangendo uma população de, aproximadamente, 61.6 mil habitantes, segundo o Censo Demográfico (IBGE, 1991). Trata-se, hoje, de uma sociedade basicamente urbana, com cerca de 75,0% de sua população vivendo na sede do município.

Pela sua localização no planalto da cordilheira da Borborema, as terras de Gravatá, no agreste centro-oriental, são uma região privilegiada de clima serrano, seco e frio, possuindo duas zonas bem distintas: caatinga e brejo, divididas ao meio pela "trilha antiga dos primeiros vaqueiros" (Melo Netto, 1949; 1966), e que serviu mais tarde, de traçado da estrada central da BR-232 de Pernambuco. A rodovia BR-232 foi concluída nos finais da década de 50, quando o atual traçado conseguiu ultrapassar a serra das Ruças e a sua duplicação recente até o trecho do município de Caruaru, encurtaram a distância para o Recife, permitindo melhor tráfego rodoviário.

O município tem uma estrutura agrícola basicamente de subsistência e detém uma estrutura fundiária com predominância de minifúndios equivalente a 80,025% da média estadual, com uma presença de 13,09% de latifúndios, quando a média é de 16,05%. É importante ressaltar que a maioria dos estabelecimentos do município (cerca de 80%) encontra-se em pequenas áreas de terra, com cerca de 10ha, enquanto nas áreas com mais de 10ha esse número de estabelecimentos é mais reduzido. Isso vem demonstrar como prevalece em termos numéricos a pequena propriedade, e em termos de área, a grande propriedade no município. (Cavalcanti, 1999).

Gravatá apresenta uma participação comercial e de serviços do estado acima da média pernambucana. Devido ao seu clima

de serra, "uma verdadeira estância climática de Pernambuco", frio e seco, onde as temperaturas médias anuais variam em torno de 22°C, o município é procurado, principalmente, pelas pessoas do Recife, que ali constroem suas casas de temporada, como refúgio de descanso e lazer. Essas construções, imitando estilos da arquitetura européia, vão desenhando um visual diferente para a cidade, sede do município, diferenciando o turista, que faz parte dessa população flutuante, de seus moradores permanentes.

Hoje Gravatá possui cerca de 4.500 unidades entre casas isoladas, casas em "privês", chácaras etc., cujos proprietários e seus familiares formam uma população flutuante em torno de 18.000 pessoas que para ali se deslocam nos finais de semana, chegando a atingir um número em torno de 50.000 pessoas nos feriados prolongados e períodos comemorativos locais. (Coutinho, 1977: 2).

Esse fluxo de pessoas explica a alta participação do município nas atividades comerciais e de serviços, dirigidos principalmente para a demanda dessa população flutuante. Serviços de restaurantes de cozinha francesa, com cardápios ao estilo europeu, são oferecidos aos ricos e emergentes de toda a região, inclusive do Recife e também de Gravatá, que criam a fantasia de estarem vivendo no Primeiro Mundo, todavia, rodeados pela pobreza de muitos trabalhadores que não conseguem mais se manter no campo.

Gravatá desenvolveu, nos últimos anos, atividades de fabricação de móveis rústicos de angelim e a criação de cavalos de raça. Existem aproximadamente 400 pontos de fabricação de móveis rústicos, empregando mão-de-obra familiar, incluindo menores, sendo relativamente frequentes os acidentes de trabalho, além de uma fábrica de brinquedos pedagógicos de madeira, estimulada pelo Círculo de Trabalhadores Católicos de Gravatá - CTCG.

O município possui empreendimentos de grande porte, a exemplo de inúmeras fazendas que são verdadeiros 'oásis' de 'clãs' nordestina, de caciques políticos regionais,

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

que se beneficiam de estarem suas terras bem localizadas e receberem benefícios de obras públicas; da presença de haras sofisticados para a criação de cavalos de raça; de hotéis e restaurantes de luxo para os ricos da região. Todavia, essas empresas, por se destinarem a servir aos ricos, são, naturalmente, incipientes para absorver centenas e centenas de desempregados que chegam do campo para a sede do município, em busca de sobrevivência.

Quanto à área rural do município, os pequenos proprietários de terra e trabalhadores rurais sem-terra estão sofrendo dificuldades para se manterem no local onde vivem. Uma dessas dificuldades deve-se à mudança na situação agrária do município, derivada do crescimento das pastagens; e decréscimo da lavoura, provocados por novos investimentos feitos pelos grandes proprietários de gado bovino e equino. Tem ocorrido, ainda, diminuição nas áreas de mata e de florestas, transformadas em pastagem. Além disso, há uma deficiência de políticas, agrícola e financeira, que efetivem a produção dos pequenos produtores. Sem alternativas para viver no campo, a população rural do município, nas últimas décadas tem decrescido, sendo suplantada pela sua população urbana, levando, assim, a uma concentração maior da pobreza nas cidades de porte médio, como Gravatá, e em outras cidades de grande porte, como ainda nas grandes metrópoles do Nordeste. Desse modo, os indivíduos tangidos pela inviabilidade de sobrevivência no campo seguem para as cidades atraídos por políticas assistenciais compensatórias, sendo novamente frustrados em suas expectativas, atingidos na sua dignidade de homens do campo, acostumados a produzir e a ter uma identidade no seu meio (Cavalcanti, 1999).

Ao retrocedermos à história do povoado de São Severino, encontramos referências em estudos históricos de que esse é o povoado mais antigo do município de Gravatá, com possível data de sua fundação no século XVIII (Lins, 1993: 45).

O povoado de São Severino localiza-se ao sul de Gravatá, na região do brejo, onde ainda hoje se encontram água potável boa, de nascente, além de resquícios de mata atlântica, com árvores de envergadura e ramagens variadas, entre elas a imbuana, a quixabeira, a gogóia, as baraúnas, a caatingueira, a rasteira e a comum; a jurema, preta e branca, a barriguda, a oiticica, a maniçoba e tantas outras (Ibidem: 30). Segundo depoimentos de moradores do povoado, essa era uma região onde encontravam muita caça de espécies variadas (preá, teju, tatu, coelho do mato, jia - rã), e outros animais (macaco, veado) e pássaros, que faziam parte da sua dieta no brejo (cambonje - frango d'água, rolinha), e que pouco a pouco, com a derrubada das matas, foram desaparecendo da região.

Antes da estrada de barro que liga o povoado à sede do município, existiam caminhos que eram percorridos a pé, ou a cavalo. *"Eram veredas qui a gente fazia andando... isso há muito tempo quando eu era moço."*² Esses caminhos, ou essas veredas, ligavam a estrada de barro principal e as fazendas da vizinhança do povoado. Eram grandes fazendas de café, engenhos de fabricação de açúcar e de aguardente. Atualmente, ainda encontram-se sinais dessas grandes fazendas e engenhos, como a Fazenda Funchal, do seu Alfredo Gomes, que possuía grande plantação de frutas, açude, cachoeira, mata, casa de farinha. Ao mudar de dono, a fazenda recebeu o nome de Fazenda do Tao.

Outro limite do povoado é com o Engenho Jussará, do Seu Arão Lins Andrade Filho, prefeito do município em 1960, que empregava boa parte dos trabalhadores do povoado e região no corte de cana e fabrico de rapadura e cachaça. Esse engenho esteve recentemente invadido pelo movimento dos Sem - Terra da região, devido ao abandono em que se encontra. Para além do Engenho Arão Lins, encontram-se o Engenho Jussará e o Engenho de Cumbe, que fabricavam mel de engenho e plantavam cana-de-açúcar. O Engenho de Cumbe, di-

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

ferente do Jussará, possuía uma casa grande e estrutura de engenho, propriamente dito, com tachos, formas e moendas, casas dos empregados e de agregados. Ainda nessa vizinhança, encontravam-se o Engenho Paraíso e a fazenda do Seu Nô, que era dono da Fazenda Republicano; e as terras dos Caetanos - na ocasião, os únicos representantes da raça negra do lugar. A maioria desses engenhos e fazendas foi dividida e loteada em minifúndios que se transformaram em sítios de 'fazer farinha,' ocupados por pequenos proprietários agricultores/as e, posteriormente, ou melhor, hoje, por várias famílias ricas do Recife, que ocupam as propriedades apenas nos fins de semana. Das fazendas maiores, algumas foram transformadas em haras ou em currais para a criação de gado.

É importante notar que essas fazendas e engenhos possuíam como vizinhança pequenos proprietários que desenvolviam a policultura, favorecidos pela riqueza do solo e pela presença da água, inclusive cultivavam flores, hortaliças, tubérculos, frutas e culturas de ciclo curto, como: milho, feijão, mandioca, que, tradicionalmente, fazem parte da dieta das pessoas da região. Com o tempo, pressionados por uma série de circunstâncias externas, esses pequenos proprietários foram também subdividindo suas terras com os herdeiros, ou foram sendo induzidos a vender suas terras às pessoas de fora. À medida que os pequenos proprietários iam perdendo as suas terras, ou perdiam seus espaços nas fazendas como moradores/as e trabalhadores/as rurais, ocorria, na maioria dos casos, um processo de empobrecimento e de perda de qualidade de vida dessa população.

Espremido nesse espaço, encontra-se o povoado de São Severino, abrigando aproximadamente 250 pessoas. Essa população encontra-se distribuída em cerca de 50 casas ao longo de uma rua, a "Ruínha," como é chamada pelos moradores.

Com o propósito de tratar as cinco temáticas presentes na estrutura de sentido

de vida dos moradores do povoado terra, trabalho, sobrevivência, família e religiosidade, selecionei para este artigo, dentre os vários estudos de caso analisados para uma pesquisa maior, depoimentos dos representantes dos chefes de família mais antigos do povoado³. No meu entender, esses depoimentos expressam fortemente o sentido dessas cinco temáticas. Foram entrevistadas quarenta e duas famílias do total dos cinquenta e três domicílios existentes no povoado. Dessas, foram selecionadas cinco famílias dos mais antigos.

Praticamente, um levantamento censitário do povoado foi realizado. Os domicílios que não foram abordados têm como razão a dificuldade de encontrar seus moradores na ocasião da pesquisa. As questões estruturadas do questionário foram direcionadas para o chefe de família e/ou cônjuge. Buscaram-se informações dos componentes da família quanto ao sexo, idade, estado civil, escolaridade, local de nascimento, idade em que começou a trabalhar, profissão, outras ocupações, situação atual no trabalho, relação empregatícia, relação com a terra, renda familiar e por pessoa, participação em associações, migração, razão da migração, destino da migração, escolha do lugar para migrar, vezes que migrou, número de pessoas na família que migrou. A intenção era ter informações daqueles membros da família que ocupavam uma posição de maior participação na sustentação familiar: o chefe de família, o cônjuge e os membros mais ativos. Com essa articulação de informações entre trabalho, família e formas de atender à sobrevivência, pretendia-se observar clivagens diferenciadoras de condições que demarcavam as categorias da estrutura de sentidos das práticas sociais dos moradores do povoado.

Do levantamento geral, observou-se que cerca de 73% das pessoas entrevistadas eram mulheres e 27% homens. Disso decorre o fato de, no povoado, as mulheres encontrarem-se mais vezes em casa do que a maioria dos homens. Mesmo quando traba-

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravata-PE

Helenilda Cavalcanti

lham no campo, elas voltam mais cedo para a casa, a fim de continuarem sua segunda jornada de trabalho como trabalhadoras do lar. O que sugere já a presença de formas representativas das relações sociais entre os sexos, com características definidoras de papéis no conjunto das relações de gênero no povoado estudado (Scott, 1990). Isso tem reflexo sobre diversas situações de oportunidades para as mulheres, comparadas com as oportunidades dos homens daquela região, seja no desenvolvimento de sua autoestima, seja no sentido de sua autonomia.

A razão de eu ser mulher e ter conversado antes com as famílias várias vezes sobre a idéia da pesquisa no povoado, principalmente com as mulheres, facilitou a aproximação e uma relação de confiança com a maioria delas que, por sua vez, passou esse crédito para os demais integrantes do grupo aparentado e vizinhança, o que tornou mais fácil o desenvolvimento de todo o trabalho de campo.

Nesse sentido, a posição de entremeio, nos recortes da vida, que a maioria das mulheres aprende a instrumentalizar para sobreviver numa sociedade com marcante presença patriarcal, possibilita-lhes desenvolver uma comunicação específica entre os seus pares e avaliar impressões sobre o estranho, como a interditar quando há sinais não decifrados por elas que, por alguma razão, subjetiva ou não, atua na propagação de sentimentos de ameaça para si ou para a sua família. Posso afirmar que apenas uma, no universo das mulheres com quem tive contato no povoado, não permitiu maior aproximação nem com ela nem com a sua família durante o trabalho de campo; algumas (quatro), só permitiram estabelecer confiança depois de várias visitas. Mas a grande maioria não demonstrou qualquer tipo de impedimento desde o primeiro momento. Dessa avaliação, foi-me permitido ser recebida por elas e suas respectivas famílias para longas conversas sobre a vida. (Figueiredo, 1994; Thompson, 1994; Queiroz, 1991 e 1988). Embora tendo o roteiro das entrevistas em

mente, muitas vezes, o assunto das conversas era sugerido por elas, ou pelos demais componentes da unidade familiar. Pude compartilhar de muitos dos seus segredos, que serão, naturalmente, guardados, que me ajudaram enormemente a compreender melhor a luta silenciosa dessas famílias entrevistadas, a entender suas aspirações, sonhos e projetos, durante os três anos de trabalho de campo, com visitas constantes em cada um dos semestres anuais.

As mulheres eram as mais desembaraçadas nos encontros. Entretanto, em muitas outras ocasiões, os homens, os "chefes de família", os aposentados e os jovens também tiveram um papel muito importante na colocação de suas histórias, onde o real e o imaginário não entravam em disputa, mas complementavam-se. À medida que eles iam falando sobre a situação, sobre os anseios, os projetos, descortinavam-se imagens, ora do presente, ora do passado, imagens carregadas de tensão, categorias, regras de interpretar o mundo e denominar as coisas.

Às vezes era possível encontrá-los em casa, esperando por um trabalho, ou fazendo uma pausa nos plantios ou nas refeições; ou, senão, na barraca, quando se divertiam entre conversas e brincadeiras. Vale acrescentar que muitas reflexões importantes sobre a criação de figuras/formas/imagens - substratos para projetos possíveis - surgiram desse contato informal, no meio de conversas descontraídas e das "risadas arrancadas inteiramente do seu referencial interno". (Taussig, 1993).

Quase sempre as entrevistas tinham a participação de mais de um ou dois membros da família, ou de toda a família, ou mesmo da vizinhança mais próxima, que se colocavam em volta, curiosos, sobrepondo respostas, ou complementando informações, ou dando novas versões aos fatos. Portanto, a partir do rol das informações desse levantamento, foram selecionadas para este estudo as famílias dos mais antigos, conforme os critérios listados abaixo:

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

I - As famílias deveriam ser naturais da região de São Severino ou do município de Gravatá, ou ainda estarem residindo no povoado a maior parte de suas vidas;

II - Que nas famílias pudesse ser observado o percurso das três gerações: a avó, a mãe e a neta; o avô, o pai e o neto;

III - Que as famílias devessem obter seu sustento basicamente: a) como trabalhadores(as) rurais assalariados permanentes; b) ou como trabalhadores(as) temporários; c) ou tivessem sido trabalhadores(as) rurais durante longos anos de suas vidas.

No item seguinte as categorias terra trabalho e sobrevivência, família e religiosidade, retiradas das entrevistas com os antigos, serão analisadas em dois blocos, separadamente, para melhor compreender o peso que esses valores representam na organização dos recursos psíquicos, na construção da subjetividade e de um "berço simbólico" para os indivíduos. Igualmente serve para mostrar o quanto essas categorias estão estruturadas dentro das famílias numa moral de reciprocidade e numa lógica de sobrevivência.

Terra Trabalho Sobrevivência

A trilogia terra trabalho sobrevivência, extraída da análise mais geral das narrativas dos moradores do povoado de São Severino, serve como categorias-guia para a análise mais específica dos sentidos das práticas sociais dos mais antigos e das transformações induzidas pelas mudanças no campo.

É importante dizer que possuir, ou não, terra faz uma diferença na identidade do(a) agricultor(a). A terra é um bem que traduz significados da noção de identidade de ser agricultor(a), preserva um modo de vida e estimula a confiança do indivíduo e da família do agricultor/a com alguma autonomia no trabalho. Há um sentimento geral de que a família que trabalha na sua própria terra está trabalhando para si mesma e não para os outros. O acesso à terra possibilita ter trabalho, ajudando na reprodução do trabalhador/a e de sua família.

Os(as) trabalhadores(as) que possuem tradição no ambiente rural encontram-se presos à terra por suas raízes, embora sejam também por ela aprisionados (Silva, 1982; Cândido, 1964). Esses trabalhadores/autóctones depositam na terra o sentido de sua existência e de sua fé. Nela nasceram, cresceram, viveram, criaram, amaram, lutaram e nela desejam morrer. Nela foram construídos, organizados. Do contato direto com a terra, com a natureza específica do lugar, retiraram grande parte de suas necessidades básicas.

"Nói sono tudo trabalhador... a agricultura é a mio profissão pruquê planta a comida. Eu fui criada na enxada. Toda a vida trabaiei de enxada. Eu peguei a trabalhar com a idade de sete ano. Só não trabaio hoje pruquê não posso pegar na enxada. A bassoura... eu barro a casa acocorada... Eu vivo aos baques, mia fia... Eu me dei muito com a enxada... A plantação da gente é a maniva [(do tupi) mandioca] qui é a comida do pobre... feijão, também o mio... A mia vida foi pa trabaia... É cavar covinhas, plantar mio... plantar roça. Plantar tudo quanto for de lavoura... Eu ficava contente quando tudo tava bor.itinho... Eu ia xaxá a mia lavourinha. É alimpar ela. Eu gostava muito de cultivar a mia lavourinha. A vida do agricultor, muié... o agricultor trabaia pa ser pobre... Eu tenho fé na terra... dela dar de cume a eu... a meus fios... Mas... premeiramente acreditar em Jesus! Ah!, meu pedaçinho em riba dessa terra qui ela tem qui me cume! Ela deu a gente e come a gente. A terra criou nói e vai cume-me, vai cume nói!, sabe? Isso é um catolicismo guiado por Deuze... A terra gemeu... A terra aonde formou-se o mundo... a terra gemeu e botou sangue... Ai ela falou e pediu socorro pra dar de cumê. Ela deu o qui é da gente... A gente trabaia e cria a nossa lavourinha. Agora, quando nói morrer... ela tem de cumê a gente, né? A terra deu, a terra come. A terra vai cumê-me... a terra vai cumê nói..." [Fragmentos do depoimento gravado de Mãe Biu, 87 anos].

O depoimento acima mostra o sentido dado ao trabalho como agricultor/a, que se

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

inicia dentro de uma imagem que contém em si uma missão: a de subtrair a fome e alimentar o mundo. Por isso, ser agricultor para essa agricultora é a profissão mais nobre. Mas ao mesmo tempo essa imagem é rebaixada pelos sonhos aniquilados, ou por não se ter nem o direito de pensar em sonhar, porque a vida está destinada ao trabalho incansável do corpo com a enxada, sem recompensas materiais que lhe possibilitem olhar além de uma herança de respostas guardadas de forma inalterável.

A enxada aparece como um símbolo convertido em destinação e sacrifício. Mas há uma ironia anunciada, uma fatalidade que é destinada a todos, pobres e ricos, colocando-os na mesma condição humana: "A terra, ela deu a gente e come a gente. A terra criou nós e vai cumê-me, vai cumê nós, sabe?"

A relação com o mundo do trabalho era e é de sacrifício. Mas existia uma "sociabilidade essencial,"⁴ como diria Polany, no trabalho familiar e na relação com a vizinhança, muitas vezes uma extensão da família nuclear, formando vínculos interindividuais muito fortes. A noção de respeito e de obediência aos mais antigos, a divisão de trabalho entre os filhos e filhas, as trocas com a vizinhança, o serviço social que algumas mulheres mais antigas desenvolviam como rezadeiras, parteiras, e cuidados com os mortos, mobilizavam vínculos de solidariedade e de proteção sociais importantes na defesa contra o abandono do Estado. Além disso, a ação humana no interior desse todo complexo de necessidades e de reciprocidade fortalecia o substrato da vida coletiva conservando o ambiente cultural, e defendia os indivíduos da degradação de ações externas movidas pelo capital. Eles tinham sua vida e estilos próprios de fazer as coisas e organizar a economia do grupo.

"(...) Oie, eu cozinhava em festa de casamento. Eu era cozinheira em tempo de festa...Nesses engenho eu cozinhava quando tinha festa. E eu não arrecebia dinheiro, não... Arrecebia ajuda... comida... roupa... Eu era Assistente (parteira) de pegar menino... cortar umbigo... (...)

Eu peguei aquele mundo de menino qui você tá vendo... Peguei no Recife... quando ia pa casa de miã fia... Chã Grande, Mandacaru... (...) Oie, eu era pa tudo aqui na vida... pa botar vela na mão... pa vestir morto... pa fazer tudo! Eu nunca arrecebia um tostão de seu ninguém..."
[Fragmentos de depoimento de Mãe Biu, 87 anos].

O acesso à terra dava, mesmo aos mais pobres, o poder de escolher onde, quando e em que circunstâncias realizariam o trabalho. O trabalho agrícola permitia uma certa medida de ação e criatividade, ao contrário, por exemplo, da tremenda repetição mecânica de serviço de uma linha de montagem industrial, que alguns descendentes já começavam a experimentar nos grandes centros. O agricultor é capaz de determinar que culturas plantar e, ao cuidar de suas plantações e de seus animais, tem de reagir à vida e à natureza. Portanto, ao invés de passividade e acomodação, apresenta determinação.

Eles cultivavam produtos importantes da dieta básica local: milho, feijão, mandioca, café e outros cultivos comerciais como o fumo e flores. Mas devido à economia da região, centrada em produtos de cultivos extensivos, como a cana, depois o café, e atualmente flores para exportação, o pasto para cavalo e gado, cada vez mais o pequeno produtor rural recebia menos incentivos. E a autonomia dos antigos tendia, no máximo, a refletir uma estratégia de defesa, em vez de proporcionar um trampolim a partir do qual uma transformação sustentada do setor rural familiar pudesse ser promovida. Até hoje, o agricultor da região, ao contrário dos grandes proprietários de gado e cavalo, ou daqueles que exploram de forma extensiva a cultura da cana, a cultura das flores, não consegue servir-se do Estado para defender-se de fragilidades econômicas e sociais e da posição de desvantagem de seu agrupamento social na economia geral.

Até onde puderam resistir, eles resistiram. Os antigos queriam conservar a terra, seus hábitos, sua forma de plantar e cultivar a terra. Queriam ter a vida no ritmo que

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino – Gravata-PE

Helenilda Cavalcanti

aprenderam. Com a idade já avançando, o cansaço no corpo, os cuidados com a saúde, sempre adiados, os filhos adultos formando novas famílias e a terra não dando mais para sustentar todos, os antigos foram, pouco a pouco, obrigados a ceder e a mudar. No trabalho, no qual empregavam toda sua arte e energia, viam-se agora mais solitários, sem as recompensas dos laços de solidariedade da vizinhança e da família que se dispersavam. Ao se verem cada vez mais ilhados pelas mudanças ocorriam ao seu redor, sua dificuldades tornavam-se mais crescentes. Suas condições se igualavam, agora, à de qualquer trabalhador rural atingido pelas transformações do capital no campo. Era preciso ter mais dinheiro e um pouco mais de tecnologia. Com a família multiplicada e exigindo sua parte na herança das terras, o esquema tradicional já não servia mais. Além disso, o trabalho familiar deveria produzir através de uma relação mais estreita com o mercado, para quem quisesse sobreviver. Nessa disputa de mercado, eram necessários outros conhecimentos que eles não possuíam. Assim – sem acesso aos fatores de produção: crédito, mercado, fornecimento de sementes e fertilizantes, tecnologia-, o trabalhador rural passava a viver um destino de Prometeu. Contudo, esse destino é menos ingrato que o daqueles que não têm acesso à terra e vivem do trabalho temporário, o trabalho alugado. Aí, o trabalhador rural vive um destino onde o trabalho é dado “a troco de nada”.⁵

*“Saí de casa com 13 ano de idade...” (...)
Eu sou um homem... sou sou um homem pobre. Mas porque eu preciso trabalhar pra comer... eu preciso trabalhar de dia pra comer de noite... no trabalho alugado. Trabalhar alugado... é amanhecer o dia e... por exemplo, a senhora tem uma propriedade aí, em qualquer canto... e eu amanhecer o dia... botar a enxada nas costas e vi na sua casa... atrás de um dia de serviço pra trabalhar. Isso é trabalho alugado. Aluga a mão, o braço, o corpo, tudo. Eu saiu... vou trabalhar alugado para os outros. A pessoa ta pagando um dia de serviço a mim. (...) É a*

mesma penitência todo dia. É uma prisão... Porque eu estou sujeito... sujeito à minha... à minha necessidade. Aquela prisão minha é de acordo com a minha necessidade. Porque não tem... não tem regalias”. [fragmentos de depoimento de Seu Severino, 75 anos].

O trabalho alugado, principal fonte de trabalho da população de São Severino para aqueles que não têm terra, é identificado pelo entrevistado como um contrato social vivido por ele e por seus conterrâneos dentro de uma espécie de microviolência contra a vida do trabalhador. Aí, os indivíduos são reduzidos à condição de objetos de uso alheio e submetidos a inúmeras formas de controle e exploração. Eles não dispõem de um lugar próprio que os defina, nem podem constituir-se como sujeitos. É no trabalho alugado que definem sua pobreza.

O entrevistado usa, aí, a lucidez de quem tem a vida como testemunho, de quem não precisa de nenhuma frase de efeito para falar do quanto as relações de trabalho no campo, de cunho ainda pré-capitalista, são mantidas por estratégias externas à vida do trabalhador. São relações que se originam historicamente numa ordem social baseada na exploração da força de trabalho. Ao dizer que o trabalho é uma prisão, porque o faz ficar sujeito às necessidades, isto é, àquelas relativas à reprodução da vida, não deixando rastro nenhum atrás de si, porque o resultado do seu esforço é consumido quase tão depressa quanto o esforço já despendido, ele remonta uma discussão antiga sobre labor e trabalho, tratada por Hannah Arendt em seu livro “A Condição Humana”, e que se conjuga à teoria do trabalho de Karl Marx.

Hannah Arendt relaciona o labor com o mundo privado dos homens, com a sua vida ativa no contexto construído junto com outros homens. O labor não possui começo, meio e fim. É uma atividade que acontece de forma ininterrupta. É aquela energia que o indivíduo usa para viver. E pode ser utilizada de tal forma que o labor de alguns seja bastante para a vida de todos, como acontece numa sociedade de escravos.⁶ Portanto, o la-

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino – Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

bor encontra-se ligado às necessidades, e a característica básica é o círculo do consumo que, por sua vez, não tem durabilidade. Nele inclui um processo que não permite o indivíduo ser único, apenas exige que ele reponha o que foi consumido no processo vital.

Já o trabalho, segundo Arendt, faz parte do homem, mas não diz respeito à condição do homem. O trabalho é uma atividade que possui um projeto que precede a própria realidade imediata. Significa a subjetividade do trabalhador transformada em coisas, em objetos duráveis no mundo, que vão servir ao bem público e à liberdade. Ainda dentro do pensamento dessa autora, na sociedade moderna, o significado essencial do trabalho desapareceu, tornou-se consumo, ficando em seu lugar algo semelhante ao que se concebia por labor. Arendt esclarece que, nessa transformação:

(...) o importante não é que, pela primeira vez na história, os operários, [no caso o trabalhador do campo] tenham sido admitidos com iguais direitos na esfera pública, e sim que quase conseguimos nivelar todas as atividades humanas, reduzindo-as ao denominador comum de assegurar as coisas necessárias à vida e de produzi-las em abundância. Isso resulta numa relação mais complexa, produzindo outro tipo de servidão, a servidão da mercadoria. (Arendt, 1975: 130).

O que podemos adiantar é que essas reflexões ajudam a chegar à raiz da questão colocada pelo depoimento do seu Severino: o trabalhador, ao estar sujeito às suas necessidades, sob a lógica do capital, por definição, não pode ter sequer necessidades. Assim, o protagonista do depoimento deixa escapar um outro achado considerado importante na concepção de Marx: "a redução da sociedade capitalista das ricas necessidades humanas às necessidades de ter,"⁷ cuja essência está em levar os indivíduos a se tornarem estáticos (assim que o objeto é conseguido). O contrário ocorre quando existe a necessidade para uma outra maneira de ser e viver. Nessa última condição, os processos podem ser experimentados mais ati-

vamente: as necessidades para sobreviver, por exemplo, podem transformar-se qualitativamente quando consumimos de modo consciente aquilo de que precisamos. Condição que é quase sempre adiada pela preocupação com a reprodução da vida, como mostra Seu Severino, cujo sentido dado é retirado do seu modo de ver a vida.

"A pobreza de que eu falo não é pobre da graça de Deus mas pobre de... de... ter. Rico hoje é aquele que tem dinheiro, é o branco, é aquele que nasce em berço de ouro, não é? E o rico não quer ser igual. O rico não vê e não reconhece o pobre. Ele quer se julgar o homem do dinheiro... e...pronto! Acabou! É do dinheiro e acabou... E o dinheiro é a perdição de muitos... Dinheiro envaidece muita gente no meio do mundo. E com a ganância do dinheiro, ele fica ganancioso e vai humilhar os outros... A pobreza ta com Deus... Basta isso mode eu... viver tranqüilo, feliz. As grades do pobre é... é... Ele não ter dinheiro suficiente... suficiente pra viver... Porque o que tenho... o que apuro... não me dá...não me dá minha feira durante a semana. Eu tenho banana, tenho laranja, tenho... tenho um bocado de troço por aí, nas terras de outros, mas... sempre bota na escravidão. É liberto, mas sempre veve na escravidão da necessidade. Porque não tem...não tem o suficiente pra viver. [Fragmentos de depoimento de Seu Severino, 75 anos]."

Ao continuar seu pensamento sobre a pobreza que, em última análise, se encontra relacionado ao sentimento de estar preso a necessidades vitais, seu Severino aborda o binômio pobre x rico, sabendo que, na enorme diferença dos modos de vida que esse binômio apresenta, não é possível mascarar as realidades humanas. Quando se observa de permeio o contexto dessa relação, verifica-se que o que retalha esses dois grupos é, antes de mais nada, o fato de pertencerem ou não a interesses específicos que passam pela cor da pele, pela herança cultural, que se afinam com determinadas classes sociais, as quais podem tomar como referência o di-

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino – Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

reito civil ou até mesmo religioso, para legitimar essa diferença. Na afirmação de que “o rico vê e não reconhece o pobre,” encontra-se não apenas a distância que os separa em termos de escala social, mas um processo de construção da realidade que, numa sociedade capitalista regida por estratégia de mercado, obscurece as relações entre as pessoas.

Os depoimentos acima revelam que a terra é uma garantia de sobrevivência. Por meio dela são preparados os bens que se destinam aos herdeiros. Interromper esse ciclo, fruto do esforço de toda uma geração, quando fora não existe alternativa mais promissora para o agricultor, é cair no temor da impossibilidade de conseguir um trabalho que possa ter razão de ser, e dele obter gratificação e manutenção da sobrevivência com dignidade: “vive-se da mão para a boca por meio de uma atividade ocasional que não tem razão de ser, além de permitir a sobrevivência incipiente e instável, estigmatizada pela desclassificação social. (Kowarick, 1994:57).

Sob a pressão das mudanças do capital no campo ou porque perde a força para trabalhar no campo, o agricultor(a) que adquiriu terra por meio de herança é induzido(a) a desfazer-se dela. Em consequência, torna-se prisioneiro(a) de um sistema de oferta de trabalho sem regularidade e disciplina, socialmente desprestigiado e economicamente sem futuro: o trabalho alugado.

“(...) Eu queria botar um roçado pra mim. Aqui a gente pra arrumar um pedacinho de terra é um maior sacrifício porque os ricos compraram tudo e bota cercado. Ninguém pode plantar nada porque não tem terra... A vida é muito difícil aqui. No inverno é que é pior, viu. Fica tudo parado. (...) Esse povo de antigamente que não vendeu sua terra ainda trabalha na terra, mas aqueles que venderam têm de ir embora... São pobres no meio de rico. Antes eram pobre no meio de pobre. Que nem Zé Preto, que vendeu a terra e hoje em dia ta trabalhando na terra que era dele e trabalhando em terra de outros... no alugado [Maria, 33 anos, agricultora].

Veja outros depoimentos:

“Todos venderam tudo em volta... e eu ficava preso. Fiz uma doídice... vendi... Eles foram saindo... A gente fazia trabalho junto na roça... conversava... Era bom... Eles (os vizinhos) não acharam bom depois que venderam... O lugar ficou sem prestígio... Gostava-se da companhia do outro... Foram vendendo... e foram sendo atacado...(invadidos) e foram vendendo! Passava um... passava outro... e ficava preso... e foram vendendo... [os povos de fora] É um ataque... Não se pode mais trabalhar... Não se pode... fazer mais nada... e aquilo vai afacando... Lá onde tinha meu sítio... ficou muito esquisito... Só tem povo rico...

Ainda outro:

(...) Eu ainda pequeno e tal... de menor... aí, ele [o pai] pegou as terra, vendeu tudinho e deixou a gente sem nada: eu... minhas duas irmã, minha mãe, ficamos tudo sem nada... Ele vendeu duas propriedades que tinha, gastou o dinheiro, e a gente ficou morando pelo que é dos outro. Foi. Ainda hoje... eu não gosto nem de passar por lá... Pegar o que tem, dar fim assim... não! Se tem, deixa ali. Se ele morrer, deixa pra quem fica, mas enquanto ele ta vivo, ele ta...ta livre.Mas ele [o pai] esbagaçou tudo, extraviou tudo... (...) Na agricultura da gente, a gente ta mais... mais livre. Eu estimo muito a agricultura e gosto da agricultura... Que a agricultura...da agricultura nós tem tudo, não é? O que a gente produz é melhor do que comprar. A pessoa faz a sua farinha... uma farinha limpa, bem cozinhada, não é? (...) E quem planta... come a farinha quentinha... ele é quem faz. Ele é quem planta a banana, ele é quem corta no tempo certo, ela é saudável... ele é quem planta cenoura, pimentão... arranca no tempo”. [Fragmento de depoimento de seu Israel, 64 anos].

Nos depoimentos acima, percebe-se que existe a consciência de que perder a terra é ficar mais pobre. Essa quebra de continuidade interrompe ainda o convívio com a família, mantida por meio do trabalho de todos os seus integrantes juntos. Agora, cada um é forçado a procurar trabalho alhu-

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino – Cravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

res, já que a terra, meio de garantia do mínimo para o futuro das gerações, encontra-se nas mãos de outros, dos "ricos". Para quem vendeu suas terras, hoje, já não é mais possível usufruir a liberdade anterior, porque vive-se entre cercas, olha-se entre cercas. Cercas que impõem os limites nas passagens e nas vidas das pessoas. A memória traz lembranças de uma liberdade distante, induzindo ao julgamento do antes e do depois, a partir do qual os indivíduos passam a caracterizar as mudanças na vida e no lugar. Já não existe mais a possibilidade, por exemplo, de colher os frutos nos sítios dos parentes vizinhos, "as jacas", as bananas, as laranjas, alguns, em abundância, que eram vistos como "recursos encontrados na natureza", os quais podiam ser repartidos entre os da mesma condição. As terras dos agricultores eram também cedidas aos vizinhos, aos parentes próximos, quando parte delas não estava sendo utilizada. Essas experiências ilustram um tipo de concepção de natureza como um recurso que "está ali, grátis" para ser explorado, vista como liberadora de suas criações. Isso vem despertar a virtualidade de um sentido forte de redistribuição e solidariedade na partilha dos bens, situação que vai ficando mais difícil de ser reproduzida na experiência das gerações seguintes.

Família e Religiosidade

Família e religiosidade são dois valores preservados culturalmente pelos mais antigos de São Severino e encontram-se imbricados na análise na trilogia terra, trabalho e sobrevivência. Do mesmo modo que o trabalho é um recurso que vai viabilizar a vida familiar, a família também é um instrumento para viabilizar o trabalho e a mobilidade de seus membros, ajudando-os, não apenas funcionalmente a construir seus possíveis, seus projetos, como ainda oferece uma identidade social que vai servir de parâmetro para o indivíduo localizar-se. A experiência das famílias de São Severino revela uma lógica de práticas em que muitos dos vínculos de de-

pendência com o grupo doméstico e os amigos são utilizados como instrumentos para salvaguardá-los. Aprende-se que a família e sua extensão são defesas contra a ausência de instituições públicas eficazes para cobrir necessidades, como educação, saúde, previdência, amparo à velhice e à infância.

Assim, dar e receber entre os antigos implica entre, outras obrigações, criar netos, acolher parentes, e, em troca, receber deles atenção, carinho, apoio nas horas difíceis. Uma das entrevistadas, Mãe Biu, tinha nove filhos. Além deles, criou um irmão adotivo e cinco meio-irmãos do segundo casamento do seu pai. Criou ainda duas netas. Portanto, ao todo, juntando os seus filhos, ela criou quinze pessoas. Criou como?

Mesmo que a entrevistada tenha afirmado que criou os filhos "... assim... como quem batata..." havia, entretanto, nessa atitude de deixar a natureza agir na criação, a compreensão de que a cooperação da família ajudaria a garantir a sobrevivência de todos. Enquanto os filhos cresciam sendo ajudados uns pelos outros, os mais novos pelos mais velhos, os mais frágeis pelos mais fortes, aprendiam a confiar numa lógica redistributiva, compensatória, dentro da qual "*Os hõme trabaia num sentido, as muié douto*", mas o trabalho era fruto de todos. O certo é que a mulher, o homem e as crianças passam a ter um papel importante nessa rede de ajuda e de obrigações construídas dentro da família e ao redor dela.

Por sua vez, no cenário familiar, muitas vezes, mesmo que a autoridade do marido pareça estar presente como um aspecto polido, sensível e socialmente ajustado, mediando os conflitos, ponderando os excessos, a figura da mãe, da avó, por exemplo, por suas características de resistência, parece tomar para si, entre os antigos, a liderança da família. Essa figura feminina empreende os valores a serem perseguidos, inclusive para os filhos e netos. Essa liderança propaga-se, como pode ser constatado em alguns casos, para além da rede familiar nos serviços de parteira, rezadeira, cuidado com os

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

mortos, trabalho informal de creche que algumas mulheres desenvolvem no povoado.

"Oie, eu cozinhava... É... é... cozinhava em festa de casamento. Eu era cozinheira em dia de festa... Nesses engenho eu cozinhava quando tinha festa. E não arrecebia dinheiro, não... Arrecebia ajuda... comida... roupa... (...) "Oie, eu era pra tudo aqui na vida... pra botar vela na mão... pra vestir morto pra fazer tudo! Eu nunca recebia um tostão de seu ninguém... (...) Era pra vestir.. encomendar o coipo... Eu rezava de premeiro a oração: Vai-te! Vai quem não torna, quem Jesui já concedeu. Quando eu rezava, mai era um choro... Eu vestia a mortala [mortalha], encomendava o coipo... tudim era eu qui fazia... [Fragmentos do depoimento de Mãe Biu, 87 anos].

Seria esse um estilo particular de uma ou outra mulher mais antiga do povoado, ou tal comportamento teria muito mais a dizer sobre as implicações dos vínculos fortes da autoridade feminina em sociedades como a que estamos trabalhando? Como essas questões estariam relacionadas às possibilidades dos indivíduos de desenvolverem suas táticas mais eficientes de viver a pobreza?

Certamente essas orientações centradas e fixadas em uma figura oniprotetora, como a mãe ou o pai, cuja tendência acaba sendo transferida mais tarde para a comunidade, a Igreja ou o Estado, têm a ver com o conflito que os indivíduos vivenciam ao desligar-se do medo de serem livres e alcançarem a capacidade de progredir e crescer de forma autônoma. As marcas do patriarcalismo e/ou de um patriarcado disfarçado em matriarcado, reflexo de uma sociedade sem lugar para o indivíduo como sujeito, inibem boa parte da força psíquica positiva que motiva e nutre as atitudes e os traços de comportamento das pessoas para a criação do novo. Mas, por outro lado, a presença feminina, pelas características próprias de sua condição de vítima na relação social e de gênero, pode facilitar, contudo, um número finito de táticas específicas, que provavelmente serão ampliadas socialmente. Mediante a arte de lidar com uma

ordem social desfavorável, essa presença feminina introduz, no seu repertório e na sua cultura improvisações e uma lógica de jogos de ações relativas a tipos de circunstâncias.

A conquista de um espaço para a mulher é muito difícil na região, principalmente se ela for solteira. É importante antecipar que, em geral, o destino da mulher solteira, na sua posição de filha mais velha, é dificultado sobremaneira pela transferência de obrigações dos pais, principalmente se a família for muito grande, ou ocorrer o falecimento de um dos genitores. A ela é imposto um peso de atividades de amparo, proteção, dirigidas à família, associadas a comportamentos de renúncia às suas realizações. Resta-lhe o casamento por meio da fuga - fugir com alguém que se conhece rapidamente, ou uma gravidez provocada para sair de dentro da família e libertar-se, ou a resignação com o destino. Isso revela, muitas vezes, que a rede de solidariedade e de reciprocidade dentro da família obedece a certas preferências de escolhas, com um peso maior para as mulheres.

Portanto, as obrigações sociais podem ser recíprocas, mas são também regidas por critérios de conveniências dentro da família. Contudo, pode-se afirmar, de modo geral, que "Mais do que o apego a tradições persistentes, a valorização da família soldada por suas hierarquias internas, traduz o fato muito concreto de que a sobrevivência se ancora nos recursos pessoais e nas energias que ela é capaz de mobilizar" (Telles, 1992). Recursos que estão ligados às relações de afeto, que permitem um espaço para que decisões sejam tomadas dentro de um núcleo doméstico, e em que as mediações ocorrem para tornar os projetos do trabalho e da vida possíveis. Isso se encontra alicerçado por relações de trocas e de obrigações fundamentadas numa moral que indica reciprocidade e confiança. (Sarti, 1994).

É inegável que a família delimita suas relações por obrigações morais que unem seus membros. "Uma espécie de solidariedade orgânica no sentido durkheimiano," em que

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

a identidade das pessoas se estabelece também por um referencial moral. (Ibidem: 188).

Mas é preciso entender que, para garantir a praticidade, desses princípios que seguem uma moral baseada na reciprocidade e na confiança, os indivíduos devem sentir que suas vidas terão alguma compensação no trabalho com a família, no trabalho sem patrão, no ficar na terra dando continuidade à tradição da herança. Do contrário, haverá uma dispersão da produção familiar, demarcando um individualismo no modo de buscar a sobrevivência, como ainda uma dispersão no destino de cada um, na tentativa de fugir da engrenagem trágica na qual o setor rural se encontra.

A Religiosidade

Falávamos de que a lógica da reciprocidade/solidariedade estava ligada a uma moral de obrigações e deveres dentro da família, pela qual são facilitadas muitas saídas da pobreza. Quero acrescentar que essa moral, principalmente entre os antigos, encontra-se também imbricada num contexto de religiosidade. É uma moral que nasce da crença na justiça divina, regulando a existência. Além disso, receber uma graça, ou um milagre, por meio de deveres e obrigações com os santos, faz parte de uma mentalidade que investe na crença da reciprocidade e solidariedade do sagrado com o destino humano.

A herança de uma cultura oral e a falta de assistência pública para atender às necessidades do indivíduo como cidadão permitiram às pessoas de São Severino ficarem por muito tempo entregues a si mesmas, buscando no interior de suas crenças a força para resistir. Esse mergulho no mundo particular das necessidades e das situações-limite, produz certo alimento para a vida religiosa. Como justifica Durkheim, a religião (válido para todas) é fonte original de todas as formas de conhecimento. “Os primeiros sistemas de representações que o homem se fez do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. Não existe religião que não seja uma cosmologia, ao mesmo tempo que uma especula-

ção sobre o divino” (Durkheim, 1973:505). O conhecimento-limite do humano com o sagrado vai ajudar os indivíduos a resolverem problemas, a buscarem os seus possíveis e encontrarem razões para o desconforto dentro da pobreza.

O que fala esse tipo de religiosidade? Fala de um Deus justiceiro, que criou os anjos e os demônios, o céu e o inferno, e instaurou um só caminho, fora do qual não há salvação. Nesse caminho, é apresentada uma moral de certezas que define claramente o limite do bem e do mal, no meio do qual a consciência é aterrorizada pelo pecado. Enfatiza-se o pecado, e o que leva ao inferno, e as obras meritórias que levam ao céu. Essa religiosidade encontrou em Frei Damião e no Padre Cícero Romão a expressão do profeta, do santo que vai julgar os atos dos humanos. E os antigos de São Severino utilizam as profecias e parábolas que aprenderam com essa metafísica como defesa do seu patrimônio cultural.

A fé levou alguns dos antigos a viajarem inúmeras vezes [*Mãe Biu viajou trinta e duas vezes!*] até Juazeiro do Norte para visitar o local onde o Padre Cícero foi enterrado, no Ceará. A maioria dessas viagens foi realizada em caminhões “paus-de-arara”, comromeiros de todo canto da região que, em grupos, agüentavam os percalços de uma longa viagem mal acomodada, a fim de chegarem a um destino onde suas inclinações espirituais seriam renovadas. Os cânticos religiosos, as rezas e as lendas sobre o mito religioso que perseguiam ajudavam a vencer o cansaço e qualquer indisposição dos peregrinos. Chegavam cansados e mal-acomodados, mas felizes na fé. Outras vezes, as viagens eram realizadas por meio de ônibus fretados. O encontro com os romeiros durante a viagem ao local sagrado permitia que cada um passasse, boca à boca, muitas histórias dos milagres do Padre Cícero, que, multiplicadas dentro de uma visão mágica dos crentes, perpetuavam o mito. Os antigos costumavam reproduzi-las como fatos importantes que justificavam sua fé.

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino – Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

Por sua vez, essas estórias, façanhas - "conversas de quem tem entendimento qui diz" - possuem um "clima mental", uma atitude que permeiam o contexto no qual elas ocorreram, que possibilitam uma comunicação entre os romeiros e os fiéis com as coisas do alto, abrindo um espaço mágico onde é possível fazer protestos éticos contra sua condição de pobreza. Esse "clima mental" é construído na crença de se ter encontrado nesse espaço, onde o milagre é possível, o espaço para esse protesto. O mito da santidade do Padre Cícero e do herói carismático, do padre capuchinho Frei Damiano, por exemplo, faz a intermediação das coisas desse mundo com as coisas do plano divino. Acredita-se que eles teriam o poder de falar diretamente com as instâncias divinas, porque são a própria representação da divindade na Terra.

Essa cosmovisão apresenta-se dentro de uma perspectiva totalizante, no sentido de que ela percebe uma unidade do processo divino sobre todas as pessoas, sejam elas ricas ou pobres, sobre todas as coisas animadas e inanimadas. Todavia, existe no seu conteúdo uma preferência clara pelos "pobres", traduzida pela crença da opção de Jesus pelos mais "oprimidos" e "sofridos". Postula uma moral centrada na pessoa humana, na sua existência concreta. O céu e o inferno já vão sendo configurados aqui, são construídos dentro das condições humanas, em função das quais sua última definição é dada pela eternidade.

O Padre Cícero e Frei Damiano passaram a ser os maiores avalistas dessa metafísica, por meio de uma pedagogia que imputa ao pecador punições severas e ao fiel, promessas, de uma vida eterna gloriosa. Nesses encontros com romeiros e nas pregações de Frei Damiano, os antigos recebem os ensinamentos que passam aos filhos e netos. Transmitem aquilo que ouviram, com um duplo reforço: primeiro pelo próprio discurso alarmista, hipnotizante e arrebatador dos testemunhos desses profetas, o qual mobiliza nos rituais e orações repetitivas inúmeros arqué-

tipos do inconsciente coletivo. Um discurso cuja pedagogia prega com veemência a punição e traz imagens aterradoras para quem faz uso, por exemplo, de roupas curtas e decotadas que atentam contra o pudor, e condena ao inferno quem pratica o aborto e se amanceba ou deixa o casamento religioso, como ainda condena o dinheiro e a sanha devastadora dos "poderosos" sobre os pobres. (Taussig, 1980b).

Assim, esse discurso representa para os fiéis "um espaço utópico", à maneira dita por De Certeau, quando analisou a fala dos agricultores em Pernambuco, Crato, Juazeiro, com respeito à situação deles em 1974, e sobre as gestas de Frei Damiano, herói carismático da região. Segundo Certeau, o espaço sócio-econômico, organizado por uma luta imemorial entre "poderosos" e "pobres", apresentava-se como um campo de perpétuas vitórias dos ricos, mas também como um reinado da mentira. Ali, sempre, os fortes ganham e as palavras enganam. Em contrapartida, dentro da perspicácia dos agricultores, observa-se uma rede inumerável de conflitos, escondida atrás da língua falada. Segundo Certeau, havia um espaço utópico onde se afirmava, em relatos religiosos, um possível por definição milagroso. Dentro dele, Frei Damiano era o centro, qualificado pelas histórias sucessivas dos castigos do céu, que atingiam também seus inimigos. (De Certeau, 1994: 76).

Certeau observou, que "por meio de seus discursos lúcidos, os agricultores conseguiram, com suas palavras em tom ambivalente, mostrar a todos a injustiça - não só dos poderes estabelecidos, mas, de modo mais profundo, a da história" (Ibidem: 76). Eles reconheciam nessa injustiça uma ordem das coisas, em que se viam todo dia. Mas não concediam nenhuma legitimidade a esse estado de fato. Pelo contrário, embora sendo uma realidade sempre repetida, nem por isso essa realidade se tornava mais aceitável. O fato não era aceitável como uma lei, mesmo sendo sempre um fato. Essa convicção opunha, no entanto, uma radical re-

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

cusa ao estatuto da ordem que se impõe como natural e um protesto ético contra sua fatalidade". (Ibidem: 76).

Ainda, segundo Certeau, fazia-se necessário um cenário religioso, que reintroduzisse, ao modo de acontecimentos sobrenaturais, um lugar para esse protesto. Assim, podiam sustentar a esperança de que os vencidos da história consigam erguer-se, na "pessoa" do "santo" Frei Damião, graças aos golpes desferidos pelo céu contra os adversários. (Ibidem: 77).

Por sua vez, a pedagogia desses profetas representa ainda uma proteção ao patrimônio cultural dos antigos. O medo da cultura moderna e da perda de identidade e das suas tradições ajuda os crentes dessa metafísica a ficarem fechados nessa densidade mística e, muitas vezes, perderem-se nela. Mas, a despeito disso, a experiência do sobrenatural leva-os a um mergulho nos arquétipos coletivos, por meio dos quais significados profundos são expostos, possibilitando maior compreensão da condição humana.

Veja-se como a representação do arquétipo da morte irrompe, irriga e recompõe o imaginário de uma das representantes das famílias dos mais antigos do povoado, Mãe Biu, por meio de sua religiosidade que se sobrepõe a qualquer metafísica. Incorporada ao universo da vida, a representação desse arquétipo serve-se, por assim dizer, de uma consciência que sabe lidar com "estados de emergência". Aqui, a morte combina com aquela condição do oprimido que, segundo Benjamin em seu conceito sobre história, esse "estado" constitui não a exceção, mas a regra. (Benjamim, 1983: 226). E Taussig completa, ao dizer que: "Nesse estado, no qual reina a desordem da ordem, a morte não se torna o além, mas é co-extensiva com as superfícies instáveis da vida". (Taussig, 1993: 434). Ela aparece tantas vezes na vida que passa a ser conhecida, sendo tangida pela astúcia, como bem consegue fazer Mãe Biu. Astúcia de quem sabe lidar com voltas e atalhos para sobreviver, e que Mãe Biu subitamente teatraliza com o realismo do seu discurso:

"Oie, oie... eu assento na mia cama quando eu vou dormir, se eu não rezar, eu não drumo... imaginando meus pecados... [Pausa] Só imagino na hora da mia morte, os meus pecados, as contas qui vou dar a Deuze... E nói temo qui dar conta ao Criador... pa nói ficar livre desse chão, esse chão é pecador, pecador... É... é... esse chão e nói... Oie, eu já comprei o vestido d'eu morrer... pa eu levar. Tá aí... Trouxe de Juazeiro... Trouxe muita mortaia de Juazeiro. Fui dando... A morte? A morte é pa gente morrer. Quem pede pa morrer, quem quer morrer? Eu não peço, não... 'Vá si'mbora morte! Se tu vi, eu me escondo atrás da porta... Vai-te! Vai-te!' 'Eu fico atrás da porta... Vai-te! Vai-te! Eu fico atrás da porta... ela entra, ela caça... caça eu, adepóis vai si'mbora... Eu escondida...

Mãe Biu movimenta-se, levanta-se, gesticula, ri, misturando espanto e susto ao contemplar suas próprias imagens criadas da morte. Enquanto Mãe Biu ri desse teatro encenado, do qual a morte faz parte, ela traz lucidez ao que é risível. Mas também ri, porque se sente vitoriosa. Tantas vezes a morte já se apresentou dissimulada e tantas vezes ela soube reconhecê-la e vencê-la, adiando sua hora e inventando maneiras de resistir e de não se conformar com um caminho sem poética. Tantas mortalhas ela trouxe de Juazeiro quantos mortos as vestiu! Quantas velas se acenderam e se apagaram em suas mãos! Uma "estranha geografia" como diria Josué de Castro (1967: 42), onde a terra pouco dá "de-comer ao homem", onde o homem nasce para dar "de-comer à terra". Mãe Biu conhece todos esses cenários. Já ouviu os "últimos arrancos" de quem se despede sem volta. Da morte, sabe de sua chegada, reconhece seus passos. Representá-la foi um ato de coragem e de disposição criativa, mas foi, sobretudo, um momento comovente. Com seus oitenta e cinco anos, pouco antes de morrer, ela expressa suas sólidas razões para dizer uma vez mais à vida: *"Poi, tou cum oitenta e cinco ano! Tou satisfeita mermo pobre e pedindo a Deuze mai. Não tem cuma a existência!"*.

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino – Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

O ato de imaginação, como disse Sartre, é um ato mágico. É um encantamento destinado a fazer aparecer o objeto no qual pensamos, a coisa que desejamos, de modo que dela possamos tomar posse. Nesse ato, há sempre algo imperioso e infantil, uma recusa de dar conta da distância, das dificuldades. (Sartre, 1996:165). Ao imaginar uma situação, as pessoas tornam-se cenógrafas e não se deixam censurar pelo sentido, quando envolvidas num clima de espontaneidade. As palavras vestem seus disfarces e personagens e logo envolvem uma trama não pretendida, como a trama da morte representada por Mãe Biu.

O arquétipo da morte foi transfigurado nessa representação. Ele tornou-se mais humano. A morte agiu como alguém que chega e bate à porta, procurando quem deseja encontrar e vai embora pela porta pela qual entrou. Seu mistério foi dessacralizado para fazer a vida mais suportável. Assim agia Mãe Biu, numa certa contradição com sua lógica marcada pela religiosidade, segundo a qual o destino se encontrava arrebatado pelas mãos de Deus e inscrito em um domínio onde reina o condicional, a fatalidade. Em momentos de total espontaneidade, via-se que no lugar de uma ordem determinante e de constância de significados, na qual o divino e o natural pareciam estar ligados, em seu lugar ou nas suas brechas, era possível usar de astúcia e ironias, expondo ambigüidades e contradições que formavam o contraponto de sua experiência.

Já bem no final de nossas entrevistas, quando nossa amizade, imbuída de respeito e admiração, tornava o espaço da confiança mútua possível, Mãe Biu refletia sobre a lógica que nos diferenciava: a dela seria uma lógica de Jesus, em oposição à minha, caracterizada por uma lógica de pecadora. Diferença que definia o que ela dizia ser uma lógica que seguia o "caminho", a certeza da salvação, em oposição a outra, por meio de "veredas" cheia de dúvidas e de vulnerabilidade. Está implícito nessa formulação um modo profundo de marcar a inteligibilidade de uma realidade social.

O encontro, aí, é um ato de conhecimento, no qual "o sentido do que aparece não está no sujeito que conhece nem na coisa conhecida, mas nos efeitos de sentidos que se vão constituindo no processo de conhecimento", como diria Nilda Teves. (1992: 15).

O conhecimento dos antigos, principalmente o de Mãe Biu, brotava, principalmente, de sua vivência e de um cotidiano inventado, buscado no seio do seu grupo. Ao fazer uso de todas as possibilidades oferecidas pela sua cultura e tradição, aproveitava circunstâncias para criar suas próprias pertinências, seus possíveis. Seu pensamento e sua lógica apresentavam, na perspicácia de sua forma de dizer, uma rede de ambivalências escondidas na linguagem de sua religiosidade. E o que mais a diferenciava, é que ela, de forma corajosa, intencional, oferecia ao mundo a sua vida, como texto.

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

¹ Falo de práticas sociais ao modo explicado por De Certeau, que enfatiza as práticas cotidianas enquanto apropriação e reapropriação do que está sendo produzido na sociedade. Cf. De Certeau, Michael. *A Invenção do Cotidiano*. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994. De Certeau está muitas vezes em oposição a Bourdieu, cujo sentido de práticas sociais é relacionado ao adquirido (hábitos), determinado por um lugar "próprio." Ver. Bourdieu, Pierre. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. Papirus. Campinas. 1986 Ver ainda, Bourdieu, Pierre. *Coisas ditas*. Brasiliense. São Paulo. 1990.

² Depoimento gravado de Mãe Biu, moradora de São Severino – 1996.

³ Ver. CAVALCANTI, Helenilda. *Imaginário social e práticas de saída da pobreza: O Povoado de São Severino "Dos Macacos"*. Tese doutorado. Universidade de São Paulo. Orientador Profa. Dra. Sylvia Leser de Mello. São Paulo, 1999.

⁴ FRIDMAN, Luis Carlos. A teoria de Karl Polany e a "A Grande Transformação". In: *Revista de Ciências Sociais*, vol. 32, nº 2, Rio de Janeiro, 1984.

⁵ Uso a imagem dos ex-escravos da Guiana Inglesa, onde, em 1842, após a sua emancipação, não lhes era permitido o acesso à terra, embora recebessem dos fazendeiros roupa, comida e fossem sustentados sob vários aspectos. Eles costumavam afirmar: "Agora somos homens livres, temos que trabalhar a troco de nada". Nada além da liberdade. Ver Foner, Eric. *Nada Além da Liberdade*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988, p. 41.

⁶ Hannah Arendt chama a atenção para o fato de que, antes da era moderna, a escravidão e o banimento no isolamento

do lar constituíam, de modo geral, a condição social de todos os trabalhadores. O trabalho escravo desempenhava um papel muito importante nas sociedades antigas, porque, como acentuava Weber, a antiga cidade-estado era basicamente um "centro de consumo", ao contrário das cidades medievais, que eram principalmente "centros de produção". A escravidão e o banimento doméstico eram inerentes à condição humana. Acreditava-se serem a escravidão e o labor condições naturais para alguns homens. Conforme esclarece Arendt, os antigos raciocinavam de outra forma com relação à escravidão: achavam necessário ter escravos em virtude da natureza servil de todas as ocupações que atendessem às necessidades de manutenção da vida. Precisamente por esse motivo é que a escravidão era defendida e justificada. Muito mais do que fazer uso da mão-de-obra escrava por ela ser barata. Laborar significava ser escravizado pela necessidade, escravidão essa inerente às condições humanas. Pelo fato de serem sujeitos às necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade subjugando outros que eles, à força, submetiam à necessidade. Ver Arendt, Hannah. *A condição humana*. Editora Forense Universitária. 6ª Edição, Rio de Janeiro, 1975, p. 94-95-132.

⁷ Nos seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, na *Ideologia Alemã* e nas outras partes de *O Capital*, Marx fala das ricas necessidades humanas que representam uma inversão total da redução capitalista das necessidades às necessidades de ter: são as necessidades radicais em que o indivíduo atua para ser diferente. O nível dessas necessidades é qualitativo. A sua motivação está na captação da consciência da pessoa individual, em relação a toda sociedade.

Temáticas do
sentido da vida
dos antigos:
povoado de
São Severino –
Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

Referências Bibliográficas

- ARENDRT, Hannah. Rio de Janeiro: Universitária. 6 ed. 1975.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo. Brasiliense. 6ed. 1993.
- BERGER, L. Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis. Vozes. 3ed. 1976.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo. Companhia das Letras. 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Papirus. 1986. Campinas. São Paulo.
- _____, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo. Brasiliense. 1990.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida*. Rio de Janeiro. José Olympio. 1964.
- CASTRO, Josué de. *Sete palmas de terra e um caixão. Ensaio sobre o Nordeste: uma área explosiva*. São Paulo. Brasiliense. 1967.
- CAVALCANTI, Helenilda. *Imagário social e práticas de saída da pobreza: O Povoado de São Severino "Dos Macacos"*. Tese de doutorado. São Paulo: USP 1999.
- COOPER, David. *A linguagem da loucura*. Lisboa. Proença, 2ed. 1978.
- COUTINHO, Solange. *"Perspectivas dedesenvolvimento urbano sustentável: o caso de Gravatá-PE-Brasil"*. Trabalho apresentado no 6º. Encontro de Geógrafos da América Latina. Buenos Aires. 1977. (mimeo).
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis. Vozes. 1994.
- DE CERTEAU; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*. Morar. Cozinhar. Petrópolis Vozes. 1997.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. In: *Os Pensadores*. São Paulo. Abril Cultural. 1973.
- FIGUEIREDO, Luís. *Escutar, recordar, dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. Ensaios: *Filosofia e Psicanálise*. São Paulo: Escuta/PUC. 1994.
- FONER, Eric. *Nada além da realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.
- LINS, Alberto Frederico. *História de Gravatá*. Recife, Inojosa. 1993.
- FRIDMAN, Luís Carlos. *"A teoria de Karl Polanyi, em A Grande Transformação"*. In: *Revista de Ciências Sociais*, V.32 n.2. Rio de Janeiro. 1984.
- KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1994.
- MÁUSS, Marcel. *"Ensaio sobre sobre as variações sazonais das sociedades esquimós: Estudo de morfologia social"*. Tomol. Cap. IX (1904-1905) In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo. EDUSP. USP. 1974.
- MARX, Karl. *O capital. Crítica da economia política: o processo de produção capitalista*. Rio de Janeiro. Brasiliense. Livro 1. v.1 4ed. 1890.
- MELLO NETO, José Antônio Gonsalves. *Dois relatórios holandeses*. *Revista do Arquivo Público*. Recife, v.5-6, 1949.
- MELLO NETO, José Gonsalves de. *Três roteiros de penetração do território pernambucano (1738-1802)*. Recife, UFPE. 1966.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"*. In: *Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais*. Edições Vértice. 1988.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: Queiroz Editor. 1991.
- SARTI, Anderscn Cyntia. *A família como espelho; Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. Tese de doutorado. São Paulo. USP. 1994.
- SARTRE, Jean Paul. *O imaginário*. São Paulo. Ática. 1996.
- SILVA, Cândido da Costa. *Roteiro da vida e da morte. Um estudo no sertão da Bahia*. In: *Revista Ensaio*. Nº. 81. São Paulo. Ática. 1982.
- SCOTT, Parry R. *O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domicílio*

Temáticas do sentido da vida dos antigos: povoado de São Severino - Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti

doméstico. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo. (73):38-47, maio.1990.

TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: Um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

TELLES, Vera da Silva. *Cidadania Inexistente: Invisibilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo*. Tese de doutorado. São Paulo. USP. 1992.

TEVES, Nilda (org). "O imaginário na configuração da realidade social." In: *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro. Gryfius.

UFRJ. *Faculdade de Educação. Laboratório do Imaginário Social*. 1992.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1994.

Temáticas do
 sentido da vida
 dos antigos:
 povoado de
 São Severino -
 Gravatá-PE

Helenilda Cavalcanti